



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no aeroporto internacional de Luanda, pouco antes da partida para o Brasil**

**Luanda-Angola, 18 de outubro de 2007**

**Jornalista:** As instituições financeiras internacionais permanecem de costas viradas para Angola. O senhor acha que isso vai atrasar o progresso deste país?

**Presidente:** Veja, eu acho que tem muita gente que ainda não conhece Angola porque durante muito tempo se vendeu Angola como um território de guerra. Então, se as pessoas tivessem a oportunidade de conhecer Angola como eu conheci, em 2003, e regresso quatro anos depois, é perceptível, é muito visível para quem vem aqui, que Angola, nesses cinco anos, está dando um salto de qualidade extraordinária. E obviamente que isso vai motivar não apenas empresas de outros países a fazerem investimentos aqui, a construir parceria com empresários angolanos, mas também vai fazer com que o sistema financeiro tenha flexibilidade ao lidar com Angola. Eu tenho em conta que, da parte do Brasil, nós iremos fazer o que estiver ao nosso alcance para ajudar a construir uma Angola mais forte economicamente, mais forte politicamente e mais forte socialmente.

**Jornalista:** Senhor Presidente, só mais uma pergunta. A reforma das Nações Unidas é um desafio que se coloca hoje para o mundo. Toda esta luta que o Brasil e outros países fazem para que se abram mais espaços para as outras nações, já tem algum retorno em relação a isso?

**Presidente:** Veja, nessa luta política não tem concessões. O dado concreto é



que você tem alguns países que são membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, uma ONU construída 60 anos atrás, portanto, numa geopolítica diferenciada, e essas pessoas se acham no direito de manter a ONU do jeito que está. Ou seja, eu não espero concessão, o que eu espero é que os países que acreditam na necessidade da mudança da ONU para que ela melhor represente os interesses de todos os países que a compõem é que precisam brigar por isso. O que eu espero é que a gente tenha consciência que nós somos a maioria, e se a gente for maioria, nós ganharemos no voto, dentro das Nações Unidas. Não espero que nenhum membro permanente faça concessão ao Brasil, a Angola, à China ou a outros países.

Nós temos uma realidade, ou seja, nós achamos que o continente africano tem que estar bem representado lá, achamos que a América Latina tem que estar representada, achamos que a Índia tem que participar, achamos que a Alemanha tem que participar, que o Japão tem que participar. Entretanto, temos dois momentos: o primeiro é o momento em que a gente vai votar as reformas. O segundo momento é aquele em que a gente vai escolher os países que vão participar, representando os continentes.

Também é preciso acabar com essa história de país ter direito de veto. Ou seja, nenhum país pode ter supremacia sobre os outros. Afinal de contas, a ONU é uma instância de convivência na diversidade, uma instância que representa a pluralidade política do mundo e, portanto, o voto é igual e ninguém pode vetar. É isso que nós precisamos mudar e eu acho que nós vamos conseguir.

**Jornalista:** Muito obrigado, Presidente.